

LEIGOS E TEOLOGIA: A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA SOCIAL DA DOCTRINA CRISTÃ

Me. Frei Osmar Cavaca*

RESUMO

O texto representa uma contribuição da teologia à emergência, desde o Vaticano II, do cristão leigo na vida da Igreja e na sociedade civil, emergência que tem levantado a urgência da necessidade da formação teológica do laicato. Uma primeira investigação histórica atesta, na Igreja primitiva, o grande número de leigos envolvidos com o fazer teológico. De tal constatação decorre naturalmente uma interrogação sobre a identidade laical na Igreja e na sociedade, sobretudo no que se refere a esse labor. Como fecho da questão, o texto aborda a formação como processo de amadurecimento humano e cristão, passando por uma antropologia do conhecimento teológico, pela dimensão eclesial da formação humana e cristã e por aspectos específicos da formação laical, como o doutrinal, o espiritual e o antropológico.

Palavras-chave: Leigo. Igreja. Teologia. Formação. Consciência Social. Conhecimento.

ABSTRACT

This paper presents a contribution from of theology to the emergence, since Vatican II, the Christian laity in the Church and in civil society, this emergency which has lifted the urgency of the need for theological formation of the laity. A first historical investigation attests, in the early Church, the large number of lay people involved in doing theology. From this observation follows naturally a question about the lay identity in the Church and in society, especially in regard to this work. With the objective of closing this issue, the paper discusses the formation as a process of human and Christian maturity, going through an anthropology of theological knowledge, the ecclesial dimension of the human and Christian formation and specific aspects of lay formation, as the doctrinal, spiritual and anthropological.

Keywords: Layman. Church. Theology. Education. Social awareness. Knowledge.

* Mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (2010). Coordenador de Pós Graduação Lato Sensu da Faculdade Dehoniana de Teologia de Taubaté, Brasil.

INTRODUÇÃO

Entre tantas riquezas colhidas e assimiladas com a realização do Primeiro Congresso de Leigos da Arquidiocese de São Paulo destacou-se a consciência da urgência e compromisso de se investir na formação do laicato. O Concílio Vaticano II, a Exortação Pós-Sinodal *Christifideles Laici*, a V Conferência Episcopal Latino-Americana, em Aparecida, e os últimos documentos magisteriais da Igreja têm insistido nessa urgente tarefa e responsabilidade da Igreja, Mãe e Mestra, herdeira do munus formativo de Cristo. Em continuidade a tais exortações, em palavras introdutórias, o Sr. Cardeal de São Paulo, D. Odilo P. Scherer, assim afirma no manual do referido congresso:

A valente geração dos leigos preparados pela Ação Católica está se extinguindo e sentimos falta de uma nova geração de leigos preparados, corajosos e apostólicos. Leigos competentes nas coisas do mundo e vibrantes de fé e amor a Deus, que atuem em todos os campos da vida social e cultural da sociedade; cristãos leigos e leigas conhecedores da fé, da moral, da doutrina social da Igreja, capazes de tomarem posição, como cidadãos católicos, sem medo de assumirem sua identidade e adesão à Igreja. Mas, para isso, precisam formar-se na mística da fé, para ser, antes de tudo, discípulos de Cristo; só isso torna possível também ser seus missionários no meio do mundo.¹

Embora a procura de cursos de teologia por leigos e leigas represente hoje, sobretudo na América Latina, um *boom* sem antecedentes históricos, a temática da 'formação' tem sido tratada mais em documentos magisteriais que propriamente em reflexões teológicas de porte. Por isso, penso que a teologia tem uma dívida nesse aspecto e que os teólogos sejam convocados a refletir a emergência desse sinal dos tempos no mundo do labor teológico.

Num estudo sobre a formação laical, vários aspectos podem ser refletidos. Entre eles, a teologia enquanto dimensão ou corte da formação. Refiro-me aqui, sobretudo à teologia enquanto trabalho acadêmico. Mas entre si todos os aspectos da formação interagem, de modo que teologia e espiritualidade, teologia e trabalho pastoral, teologia e compromisso social [...] dizem respeito um ao outro.

¹ 1º. CONGRESSO DE LEIGOS DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, *Manual*, p. 13.

Por isso, neste estudo, pretendo articular a 'formação' laical prioritariamente com 'estudos teológicos', de modo que estes sejam entendidos como expressão particular formativa. Tal canalização para nós é oportuna, e nos interessa de perto, neste momento e circunstância, a nós que, nesta casa de estudos teológicos, procuramos trabalhar cientificamente essa associação. Por isso, quando no texto aparece a categoria universal 'formação', entendo-a singularizada como 'formação teológica'.

No discorrer do tema, inicio com uma investigação histórica: para compreender o atual fenômeno que se faz cada vez mais natural, o da presença de leigos nas classes de teologia, é necessário averiguar como têm se relacionado, na história da Igreja, leigos e estudos sagrados. Numa Igreja sempre chamada de volta às suas origens fontais, é uma alegre surpresa constatar que, na aurora da reflexão cristã, o artesanato teológico conta com a contribuição da produção científica de muitos leigos. Em seguida, uma vez que a pesquisa histórica nos remete à questão da identidade vocacional, pergunto que relação existe entre a atual emergência do laicato numa Igreja empenhada em reafirmar sempre sua identidade e a redescoberta da investigação teológica. Finalmente, entre os muitos aspectos que poderiam ser refletidos, num bloco que entende a formação do leigo como um processo de amadurecimento humano e cristão, trabalho algumas dimensões como a necessidade antropológica do conhecimento do mistério, a eclesialidade da formação e os aspectos mais objetivos dela, como espiritualidade, doutrina e formação para os valores humanos.

1. A FORMAÇÃO TEOLÓGICA DO LAICATO NA HISTÓRIA DA IGREJA

A partir do século II, o confronto da fé cristã com a cultura pagã provocou a aparição de uma literatura apologética que motivou um vibrante diálogo entre fé e razão. Assim, iniciou-se o processo de cristianização do mundo helenístico e romano, que se prolongou por vários séculos, até atingir, entre os séculos III e V, uma síntese elaborada.

O desenvolvimento das comunidades cristãs e a conversão de grandes filósofos e retóricos greco-romanos contribuíram para esse processo de aprofundamento na fé, a fim de manifestar sua unidade, vitalidade e coerência.

O cristianismo foi sentindo a necessidade de traduzir-se para a cultura emergente, bem como a de justificar-se diante dos que, pensando helenicamente, tendiam a não-compreender a “lógica” ou a verdade do pensamento cristão, julgando-o de segunda categoria.

Nesses inícios, não existindo divisões acentuadas entre classes religiosas, muitos dos então teólogos eram leigos. Entre eles podemos encontrar Quadrato,² Aristides,³ Atenágoras de Atenas,⁴ Ariston de Pella,⁵ São Justino⁶ [...], que são apologetas gregos, do século II, e outros no mais antigo centro teológico cristão de Alexandria, tais como Panteno,⁷ Clemente,⁸ Orígenes,⁹

² Viveu provavelmente na Ásia Menor. Dirigindo-se ao imperador Adriano, pelos anos 123 ou 129, escreveu uma *Apologia do cristianismo*.

³ Pouco se sabe de seus escritos, a não ser que também escreveu uma *Apologia* dirigida ao imperador Adriano.

⁴ Escreveu uma *Súplica a propósito dos cristãos*.

⁵ Autor de um diálogo entre um judeu-cristão e um judeu alexandrino chamado *Discussão de Jasão e de Papiscus a propósito de Cristo*.

⁶ Palestino, fixou-se em Roma onde abriu uma escola de doutrina cristã. Abriu o caminho de aproximação entre cristianismo e helenismo, bem como o caminho da especulação teológica. Foi martirizado em 165. Escreveu duas *Apologias* dirigidas aos pagãos e o *Diálogo com Trifão*.

⁷ Mestre de Clemente de Alexandria fundou a Escola de Alexandria, no fim do século II.

⁸ Clemente de Alexandria, discípulo de Panteno na escola de Alexandria. Abriu uma escola onde ensinou de 180 a 202. Em suas principais obras *Stromata*, *Protréptico*, *Pedagogo*, procurou mostrar que a filosofia grega foi uma preparação providencial para o surgimento do cristianismo.

⁹ Século II e III. Na Escola de Alexandria dedicou-se ao estudo científico da Sagrada Escritura e ao ensino teológico. Posteriormente lecionou em Cesaréia da Palestina. Grande teólogo nas áreas da exegese, da teologia especulativa e da teologia mística; sua influência sobre a patrística oriental e ocidental foi muito significativa. Teólogo muito controvertido. Algumas de suas obras são: *Comentários e Homilias* sobre a Escritura, *Héxaplas*, obra crítica textual do Antigo Testamento, *Dos Princípios*, síntese filosófica e teológica, e *Contra Celso*.

Tertuliano,¹⁰ Arnóbio,¹¹ Lactâncio,¹² Firmicus Maternus,¹³ Prudêncio,¹⁴ Mário Vitorino,¹⁵ Boécio,¹⁶ Cassidoro¹⁷ [...].

Da mesma forma, há também notícias históricas da participação de leigos nos movimentos mais qualificados da vida da Igreja, como nos Concílios (por exemplo, em Cartago, no século III), na escolha e eleição dos bispos [...]. Segundo o Cardeal Newmann, foi o povo crente, isto é, os leigos, e não os bispos, que resistiu bravamente para preservar a verdade contra a crise ariana.¹⁸

A partir do século III, conflitos internos, como as heresias, e externos, como as perseguições de Décio e Diocleciano, foram suscitando gradativas imposições que deram início a um processo que descompromete o leigo com a explicitação ortodoxa da fé da comunidade dos fiéis. Após Constantino, com o afluxo massivo à Igreja, esta começou ressentir-se da perda progressiva do senso escatológico da vida cristã e de um conseqüente relaxamento de costumes. Nos impérios de Graciano e Teodósio crescia internamente na Igreja a importância da burocracia e uma clara distinção sociológica entre

¹⁰ Séculos II e III. Primeiro escritor cristão latino; sua grande contribuição foi para a formação da linguagem teológica latina, sobretudo nas áreas da cristologia e da teologia trinitária. Depois tornou-se montanista e separou-se da Igreja. Algumas de suas obras são *Apologeticum*, *De praescriptione haereticorum*, *Adversus Marcionem*, *Adversus Praxeam*, *De poenitentia*, *De Pudicitia*, etc [...].

¹¹ Século IV, africano. Autor de *Adversus Gentes*, sete livros contra os pagãos.

¹² Cristão norte-africano do século IV. São suas obras mais importantes: *Divinae Institutiones*, *De mortibus persecutorum*.

¹³ Siciliano, século IV. Escreveu *De errore religionum*, obra de entusiasmada defesa do cristianismo e de intolerância com o paganismo greco-romano.

¹⁴ Século IV. Alto funcionário no tempo de Teodósio I. Considerado o maior poeta latino cristão da antiguidade. Em meio à sua obra literária encontramos peças morais, apologéticas, hinos (alguns entraram na liturgia romana), relatos dos martírios, etc.

¹⁵ Africano fixado em Roma, no século IV. Filósofo convertido ao cristianismo. Levou o debate com os arianos para o plano da metafísica; em seus escritos soube integrar estreitamente cristianismo e neoplatonismo. Escreveu diversos *Tratados sobre a Trindade*, bem como um comentário de três epístolas de São Paulo.

¹⁶ Romano, séculos V e VI. Foi ministro do rei Teodorico, por quem, depois, foi executado. Escreveu alguns tratados teológicos pequenos, bem como a obra de filosofia mais lida na Idade Média, *Consolação da filosofia*, escrita às vésperas de sua morte.

¹⁷ Calabrês, século V e VI. Primeiramente foi funcionário imperial. Depois, num mosteiro sem se tornar monge, escreveu *Crônica Universal, História dos Godos*, um comentário sobre os salmos e *Institutiones*, uma introdução ao estudo da teologia.

¹⁸ John Henry NEWMAN, *Gli ariani del IV secolo*. Milano/Brescia, 1981, p. 345-364.

os leigos e os muitos clérigos, estes então nobilitados e privilegiados pela legislação civil de modelo jurídico romano.

Os cristãos são distintos em dois tipos fundamentais: os 'clérigos', que, subtraídos pelo encargo divino da condição humana, são dedicados à oração e à contemplação, para os quais é totalmente inconveniente ocupar-se dos afazeres terrenos, e os 'leigos', aos quais, ao invés, é lícita a propriedade privada e é concedido de esposar-se, desenvolver atividade econômica, fazer parte ou julgar nos contratos de interesse, bem como pagar o dízimo e apresentar as ofertas ao altar [...] Se fazendo estas obras de misericórdia evitam os vícios, podem salvar-se.¹⁹

Culturalmente, apenas os clérigos, por causa de sua instrução, eram tidos como capazes de perscrutar os mistérios da fé; os leigos viviam um estado totalmente passivo e receptivo. Geralmente os iletrados, incapazes de adquirir conhecimento, não tinham acesso aos textos sagrados; restava a eles o trabalho manual.

A Idade Média dividiu claramente os cristãos em três grupos: os monges, os clérigos e os leigos, em ordem decrescente de possibilidade de perfeição e de instrução. Num mundo caracterizado pelo fixismo e imobilidade em todos os sentidos, o ideal de perfeição é naturalmente a vida monástica em sua estabilidade teológica, física e cultural. Por isso, é especialmente dentro e a partir dela que também se desenvolviam a cultura e a instrução. Mesmo os clérigos, que viviam no mundo, se encontravam em perigo constante e deviam imitar as virtudes espirituais e culturais da vida monástica. Progressivamente, desenvolvia-se uma consciência que identificava "perfeição cristã" e vida monástica, que distinguia e separava clérigos, monges e leigos, e que, finalmente, excluía os leigos do mundo das letras e da cultura em geral.

Porém, do fim do século X à metade do século XII, com a passagem do fixismo e imutabilidade feudais para o corporativismo dinâmico comunal, mundo e Igreja foram sofrendo profundas mutações. No afã das reformas, em todos os âmbitos e de anseios de autoafirmação, começaram a surgir movimentos pauperistas e espirituais laicais de grande vitalidade, ansiosos por renovações de ordem moral e provocadores de novas fundações religiosas e de movimentos de reforma do clero.

¹⁹ *Decretum* II, c. 12, q. 1, c. 7: "*Corpus Iuris Canonici*" I, a cura di AE. FRIEDBERG Graz, 1959, 678.

Caracterizando-se por forte orientação para a pobreza, radicalidade evangélica, por profunda piedade cristocêntrica e mariana, por desejos de abraçar integralmente uma verdadeira vida apostólica no modelo da Igreja primitiva, alguns desses movimentos religiosos leigos acabaram por se tornar, também, asperamente críticos em relação ao clero e às instituições eclesiais, razão porque muitos deles foram duramente extintos.

O IV Concílio de Latrão (1215) trouxe normas pastorais a favor dos leigos, dando impulso a uma maior frequência nos sacramentos e favorecendo formas de educação. Intensificavam-se as devoções e práticas religiosas a nível popular, desenvolviam-se as fraternidades e delineavam-se novas estruturas a nível paroquial.

No século XIII, a teologia, antes ensinada nas escolas de catedrais e de mosteiros, com o nascimento da universidade, fez dela o seu lugar cultural. Tornou-se “*a rainha entre as ciências*”, o saber da totalidade do conhecimento humano. Os quatro livros de *Sentenças*, de Pedro Lombardo, o “Mestre” por excelência, se tornaram o texto básico do ensino da teologia até a Idade Média. Mas a nova forma dialética de fazer teologia, aplicada à Palavra de Deus e ao testemunho dos Padres, no início, causou estranheza e reações. Para alguns, o emprego da dialética na análise do texto sagrado era um sacrilégio.

O acesso à instrução por parte dos leigos, a partir das classes nobres e da rica burguesia e dos mercadores do século XIV e XV, favoreceu a um número sempre maior de cristãos a possibilidade de uma maior formação espiritual. Difundiu-se a idéia de que o leigo podia e devia santificar-se através do exercício da própria vida secular. Era o período das confrarias, verdadeiros celeiros de espiritualidade laical que tiveram grande influência no período preparatório do concílio de Trento.

Não obstante isso, permanecia a nítida diferença entre clérigos e leigos que a polémica contra-reformista, na época do Concílio de Trento, serviria para reforçar. Por causa dos confrontos com o protestantismo, a valorização da vocação laical não conseguia impor-se. Retornava-se a uma concepção do privilégio do clero e a um novo rigor da vida moral.

No século XIX, com a introdução dos pressupostos kantianos na epistemologia, que consideravam ciência apenas a reflexão que passava pelo crivo da experiência empírica e positiva, a teologia perdeu seu estatuto

científico e, também por causa de outras razões de ordem política, foi banida da universidade, que passou a ser controle do Estado.

Saindo da universidade, a teologia voltou-se exclusivamente à formação seminarística, de preparação dos futuros presbíteros. Com isso, foi-se tornando obtusa nessa finalidade, isto é, controversa, excessivamente sistemática e dogmática. Em outras palavras, tornou-se clericalizada.

Desde a neo-escolástica até fins do século XIX, na fase pós-Vaticano I, o pluralismo das escolas teológicas foi se tornando cada vez mais restrito, dando origem a um período monolítico, com grandes desvantagens para o labor teológico (AG, n. 21-22; GS, n. 62; UR, n. 417).²⁰ O período escolástico ou neo-escolástico ficou caracterizado como reducionismo das abordagens, com fechamento de espaços à postura plural e dialogante do humano. Numa eclesiologia piramidal assim, o leigo era um ser de “minoridade eclesial”; conseqüentemente afastado da teologia. A rígida distinção entre *ecclesia docens* e *ecclesia discens* mantinha os cristãos leigos sempre dependentes daqueles que detinham o saber na Igreja, os clérigos.

Então, o estudante de teologia era o tradicional jovem candidato ao sacerdócio que, para ser padre, enfrentava a teologia como necessidade e exigência, situação que permaneceu praticamente até o Vaticano II.

O Concílio Vaticano II causou grande reviravolta na reflexão teológica. Afirmou que, através dela, a Igreja deve auscultar e discernir as esperanças, as aspirações e a índole dramática do mundo em que vivemos. Os teólogos foram chamados a descobrir a melhor maneira de comunicar a imutabilidade da fé aos homens de seu tempo, porque, como disse João XXIII na abertura do concílio,

Uma coisa é o próprio depósito da fé ou as verdades, e outra é o modo de enunciá-las, conservando-se, contudo o mesmo significado e a mesma sentença” (AAS, n. 54, 1962, p. 792). Por isso, a teologia deve apresentar respostas às interrogações gestadas por essas mesmas inquietações (GS, n. 4.44.62). Com tal abertura a teologia foi se contextualizando e tomando fisionomias plurais, ousando refletir teologicamente “toda uma série de importantes aspectos da vida dos

²⁰ Cf. também: Z. ALSZECHY & M. FLICK, *Como si fa la teologia*. Roma: Paoline, 1974, p. 118-128, sobre o pluralismo teológico, e também: Maria C. C. AVELAR, Teologia e pedagogia em diálogo. In: Alfonso G. RUBIO, *O humanismo Integrado*, p. 149.

crístãos, que até pouco tempo antes tinham sido delegados somente aos sociólogos.²¹

Nas sendas do Concílio, a teologia era convocada a promover a atualização da fé em todos os níveis da vida humana: interior, psíquica, interpessoal, social, econômica, política, cultural, religiosa, ecológica, planetária [...].²² Dessa forma, o estatuto científico da teologia passou a ter parâmetros antes desconsiderados na sua elaboração. Portanto, a teologia começou a sentir a necessidade de dados científicos em princípio alheios a ela. Chamados “mediações”, esses dados provêm das mais variadas ciências que, se “*não entram na constituição da formalidade epistemológica da teologia, que lhe vem exclusivamente da Palavra de Deus,[...] entram na constituição de sua matéria-prima*”.²³

Como se percebe, o processo se dá organicamente. Por um lado, **com a eclesiologia do Povo de Deus e conseqüente emergência do leigo na vida da Igreja, desdobra-se o processo de desclericalização da teologia. Por outro, a re-consideração**²⁴ de lugares teológicos que ultrapassam a dimensão religiosa, urge o diálogo da fé com a racionalidade das várias ciências, campo em que os leigos estão melhor formados e assessorados que os clérigos em geral.

Mas foi a partir da exortação pós-sinodal *Christifideles Laici*, no final da década de 80, que a Igreja começou mais concretamente a investir na formação teológica do laicato. Esta foi adquirindo variadas formas: cursinhos de cultura religiosa, de caráter mais prático e pastoral, as conhecidas “Escolas da Fé”, cursos de verão, cursos de teologia acadêmica [...]. A resposta do laicato foi positiva: a procura de cursos de teologia se intensificou no mundo inteiro, crescendo a consciência da necessidade da formação integral “*para atuar de forma significativa na política, na realidade social e econômica,*

²¹ Roger AUBERT, “Como vedo il Vaticano II”. In: *Rassegna di Teologia*, 36 (1995) 133-148.

²² Clodovis BOFF, *Teoria do método teológico*, p. 284ss.

²³ Idem, *Teologia e prática*. Teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 81-84.

²⁴ Digo “re-consideração” porque já no século XVI o teólogo dominicano Melchior Cano, numa visível preocupação com a história e esforço para unir a escolástica e o humanismo, referia-se a fontes teológicas não necessariamente religiosas, em seu *De locis theologicis*.

na cultura e nas artes, na vida internacional, nos meios de comunicação e noutras realidades abertas à evangelização (EM, n. 70; DAp, n. 283)".²⁵

Enfim, hoje o processo insertivo do leigo na academia teológica parece irreversível: com esse novo tipo de postulante a teólogo, a Igreja vivencia um fenômeno que representa uma dessas mudanças que marcará para sempre a teologia do futuro, tanto do ponto de vista do estatuto teológico do laicato quanto da futura produção teológica.

2. NA EMERGÊNCIA DA IDENTIDADE, A URGÊNCIA DA FORMAÇÃO

Retornando às origens, o cristão logo percebe que no Novo Testamento não se coloca o problema dos leigos: não há nenhum sinal desse termo! Não há sinal nem sequer de qualquer realidade que possa confrontar-se com a do leigo contemporâneo! Ao contrário, a maior parte dos elementos com base nos quais definimos atualmente os leigos como uma categoria específica, está ausente nos escritos neo-testamentários quando não explicitamente contestados.²⁶

O próprio termo "leigo" (do grego *Laós*, do qual deriva *laikós*, referindo-se à pessoa que pertence ao povo de Deus; uma categoria teológica, portanto) apareceu pela primeira vez de modo oficial, na Igreja, apenas por volta do ano 96, numa carta escrita por S. Clemente Romano à comunidade de Corinto,²⁷ embora a nítida divisão hierárquica fosse acontecer apenas quando S. Inácio de Antioquia (+110) e S. Cipriano (+258) iriam falar da hierarquia como reflexo da ordem divina.²⁸

O Vaticano II retomou a situação do laicato no prisma da vocação que, não se resumindo no pontualismo de uma simples tarefa ou de um simples fazer, consiste no próprio projeto teológico para o ser humano, a razão e motivo fundamental pelo qual Deus o cria, o conduz à vida e o faz existir.

²⁵ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, *1º Congresso de Leigos da Arquidiocese de São Paulo*. Manual, 86.

²⁶ A. FAIVRE: *I laici alle origini della Chiesa*, Cinisello Balsamo (Mi) 1986, p. 13.

²⁷ S. CLEMENTE ROMANO, *Epist. I ad Cor.40,5*. F. X. FUNK. *Opera Patrum Apostolicorum*, Tubingae, 1878, p. 110.

²⁸ "Leigo". In: *Dicionário patristico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis/São Paulo: Vozes, Paulus, 2002, p. 816.

Mas a maturidade teológica sobre a vocação laical que o Concílio deixa transparecer é fruto de longa caminhada e de amadurecida reflexão. Já em 1936, o filósofo católico Jacques Maritain²⁹ falava da vivência e do apostolado laical em várias dimensões: o leigo vive e age cristãmente *enquanto* cristão, *como* cristão e de uma maneira intermediária. *Enquanto* cristão, vive e age como membro do corpo místico de Cristo, na vida litúrgica e sacramental, nas pastorais, nas obras de misericórdia, etc. [...]. Ou seja, seu agir coincide com o próprio ser da Igreja. *Como* cristão, vive e age na cidade terrena, onde deve se dedicar a afazeres e resolver problemas da vida quotidiana na família, sociedade [...]. Embora agindo como membro da “cidade terrena”, ele deve preocupar-se em seguir o Evangelho, segundo as leis da atividade em questão e a própria competência. O viver e agir *como cristão* se caracterizam, sobretudo pelo *testemunho*. Finalmente, *enquanto* e *como* cristão, o espiritual se conjuga com o temporal. Também neste plano o crente vive e age *enquanto cristão*, como no primeiro plano, e por isso, enquanto Igreja, mas no mundo. É o nível do envolvimento leigo na *ação católica*, ajudando a Igreja a completar integralmente o seu ministério pastoral e participando do apostolado da hierarquia. Trata-se do compromisso pastoral explícito com a obra da Igreja no mundo da defesa dos valores da “cidade de Deus” presentes no temporal.

Num primeiro momento, o pensamento de Maritain foi interpretado como suspeita de laicismo. No entanto, com o tempo, sobretudo pelo testemunho de vida do próprio filósofo, sempre preocupado em interrogar-se sobre a identidade do leigo no interior da Igreja e nos confrontos com o mundo, tal suspeita foi superada. Hoje podemos perceber que seu pensamento, talvez mais que qualquer outro, preparou e influenciou incisivamente a doutrina conciliar da harmonia entre a ordem sobrenatural e a natural criatural. O leigo perfeito, que ele mesmo procurou ser, devia ter sempre, como ponto de orientação, a contemplação evangélica e a metafísica do ser.

Outros teólogos trouxeram também grande colaboração nessa tentativa de compreender a vida e a missão do leigo na Igreja. Edward Schillebeeckx, por exemplo, dominicano, em 1949, afirmava que os leigos são os “*apóstolos dos dons da criação, [...] os arautos da ordem da vida intramundana no seio*

²⁹ Cf. *Humanismo Integral*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1965, 246p. Idem, *Questioni di coscienza. L'uomo di fronte ai problemi del suo tempo*, Milano, 1980, p. 166-212.

do plano cristão da salvação”.³⁰ Hans Urs von Balthasar³¹ compreendia o laicato a partir de uma percepção de fundo de que a vida cristã se define por uma verdadeira inconformidade e inadequação ao espírito do mundo e pela mais direta imitação de Cristo; por isso, o amor é a forma última da vida eclesial. Para Karl Rahner, o leigo é um cristão “através do qual a Igreja se faz ativamente presente no mundo”. Membro da Igreja pelo batismo, ele é introduzido na sua função essencial, chamado a representá-la no seu ambiente humano, cultural, profissional e familiar, testemunhando a vitória da graça, do amor e da fé.³²

Mas uma teologia do laicato mais elaborada e que mais contribuiu para a re-descoberta da identidade do leigo veio sem dúvida do dominicano Yves Congar, com sua obra clássica *Jalons pour une théologie du laïc*, onde explica que, embora ordenado às coisas do alto, às coisas de Deus, o leigo se orienta para elas através do compromisso com as realidades temporais.³³ Essa afirmação congariana teve grande influência nas decisões conciliares sobre o laicato e dela deriva a noção conciliar de que o leigo é o cristão cuja missão é a de colocar as realidades e elementos deste mundo em relação ao Absoluto (LG, n. 34).

Somando tais contribuições, o Concílio se encarregou de dar a guinada iniciada pelos movimentos teológicos anteriores, e assim, definiu que “os leigos são especialmente chamados para tornarem a Igreja presente e operosa naqueles lugares e circunstâncias onde apenas através deles ela pode chegar como sal da terra” (LG, n. 33b), conceituação que integra, magistralmente, *ser* e *fazer* na vida laical. “Tornar a Igreja presente” significa, simultaneamente, constituir *comunidade de fé* que *vive* e *celebra* sua fé, e então *operar* e *se fazer sal da terra*.

O Vaticano II falou de dois níveis do apostolado laical em vistas do plano de salvação: o serviço ao mundo e o serviço interno na Igreja. Essas dimensões *ad extra* e *ad intra* da missão laical não configuram dualismo, pois são teologicamente inseparáveis e apontam para a mesma e única salvação

³⁰ E. SCHILLEBEECKX E., *La missione della Chiesa*, Roma, 1971, p. 145.

³¹ H. U. von BALTHASAR, *Gli stati di vita del cristiano*, Milano, 1985.

³² *L'apostolato dei laici*, “Saggi sulla Chiesa”, Roma, 1966, p. 213-265.

³³ Y. M.-J. CONGAR, *Jalons pour une théologie du laïc*, Paris, 1953, p. 457-458. Em português, temos o texto traduzido como *Os leigos na Igreja*: Escalões para uma teologia do laicato. São Paulo: Herder, 1966.

em Jesus Cristo. É sintomático e revela original força teológica o fato de que em primeiro lugar o Concílio tenha tratado do apostolado do leigo nas realidades terrestres, para então referir-se a ele no interior da Igreja.

Num primeiro momento, o Concílio afirmou:

É porém específico dos leigos, por sua própria vocação, procurar o Reino de Deus exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus [...] A eles, portanto, cabe de maneira especial, iluminar e ordenar de tal modo todas as coisas temporais, às quais estão intimamente unidos, que elas continuamente se façam e cresçam segundo Cristo, para louvor do Criador e Redentor (LG, n. 31b).

Portanto, é o caráter secular de sua vocação que primeiro determina a especificidade da missão laical. Cabe ao leigo a responsabilidade principal da promoção da justiça e da paz, de prestar solidariedade aos irmãos, especialmente aos mais necessitados, pois são eles que têm mais competência no campo da economia, da política, das relações internacionais, dos sindicatos, das organizações assistenciais, dos movimentos populares, das pastorais sociais [...].

O leigo é o especialista da missão da Igreja no mundo, nas condições normais de vida na família e na sociedade. Cabe a ele construir o Reino de Deus na administração e na organização das realidades terrenas segundo o desejo de Deus. Ele é chamado a ser no mundo como fermento na massa (cf. LG, n. 31.36; AA, n. 2.5.7), como sal e luz (cf. Mt 5,13.14), “*sem separar sua condição de membro da Igreja e de cidadão da sociedade humana*”.³⁴

Através do leigo, o Evangelho se insere nas estruturas terrenas, e os problemas do mundo tornam-se presentes no seio da Igreja. A cultura pode ser impregnada dos valores evangélicos e o cristianismo pode se encarnar no mundo do nosso tempo. Família, comunidade de fé, trabalho, profissão, ciência, economia, cultura e política são os espaços mais comuns onde o leigo deve prestar seu serviço.

Nesse campo das realidades terrestres os leigos agem, iluminados pela fé, com responsabilidade própria e sem esperar que seus pastores tenham

³⁴ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, *1º Congresso de Leigos da Arquidiocese de São Paulo*. Manual, 85.

sempre as soluções.³⁵ O concílio referiu-se a uma autonomia da missão laical no mundo, embora relativa, pois somos todos, pastores e leigos, iluminados e dependentes da Palavra de Deus.

Num segundo momento, o Concílio falou do apostolado do leigo na Igreja, *ad intra*, assim se expressando:

Além deste apostolado que atinge todos os cristãos sem exceção, os leigos podem, de diversos modos, ser chamados à cooperação mais imediata com o apostolado da hierarquia, à semelhança daqueles homens e mulheres que ajudavam o apóstolo Paulo no Evangelho, trabalhando muito no Senhor (cf. Fl 4,3; Rm 16,3ss). Além disso, gozam da aptidão de serem designados pela hierarquia para alguns serviços eclesiais a serem exercidos para um fim espiritual (LG 33c), de tal forma que “A Igreja não se acha deveras consolidada, não vive plenamente, não é um perfeito sinal de Cristo entre os homens, se aí não existe um laicato de verdadeira expressão que trabalhe com a hierarquia [...]” (AG, n. 21).

Se todos os batizados participam missão de Cristo e da Igreja, os leigos têm uma participação própria (LG, n. 31.33-35) e uma modalidade ministerial de assumir a missão de Cristo na Igreja, os chamados ministérios não-ordenados.

O ministério não-ordenado não nasce do ministério ordenado. A sobrecarga de tarefas, a escassez de clero ou renovação paroquial podem urgir a descentralização e até ser “oportunidade” para o surgimento de ministérios não-ordenados, mas não sua razão teológica. Eles se fundamentam num carisma especial que, florescendo dentro e a partir da base comum de vida de todos os cristãos que é a vida na graça, de onde distingue-se ao mesmo tempo dela e do “carisma dos apóstolos”, específico dos ministros ordenados.

Com o resgate dos ministérios não-ordenados ou laicais pelo Concílio, após séculos de confusa e indefinida mistura e redução às antigas “ordens

³⁵ “Os leigos esperam dos sacerdotes luz e força espiritual. Contudo, não julguem serem os seus pastores sempre tão competentes que possam ter uma solução concreta e imediata para toda questão que surja, mesmo grave, ou que seja esta a missão deles. Os leigos, ao contrário, esclarecidos pela sabedoria cristã e prestando atenção cuidadosa à doutrina do Magistério, assumam suas responsabilidades” (GS, n. 43).

menores”,³⁶ eles restituíram à Igreja, depois de vinte séculos de história, o frescor das primeiras comunidades que experimentavam vivamente o que significa que “*a cada um é dada uma manifestação do Espírito para utilidade comum*” (1Cor 12,7).

Mas, as duas vertentes vivencial e apostólica da vocação laical são faces de uma única e mesma realidade; não são duas vidas paralelas, uma secular e outra espiritual. Diz a Exortação que todo o conjunto da vida do leigo forma o “*lugar histórico*” da salvação. “*Toda a atividade, toda a situação, todo o empenho concreto — como, por exemplo, a competência e a solidariedade no trabalho, o amor e a dedicação na família e na educação dos filhos, o serviço social e político, a proposta da verdade na esfera da cultura — são ocasiões providenciais de um ‘contínuo exercício da fé, da esperança e da caridade’* (AA, n. 4)” (CL, n. 59).

Como se pode ver claramente, há uma relação intrínseca entre identidade laical e redescoberta da ciência teológica. Cresce o processo de desclericalização da teologia quando se intensifica o de discernimento vocacional laical. Consequentemente, o leigo fará sentir sua presença na Igreja a partir de seu modo de fazer teologia, ao mesmo tempo em que será capaz de produzir com originalidade quando se afirmar com lucidez em sua vocação própria.

À medida que se aprofunda e clareia a identidade laical como vocação emerge também a urgência da formação teológica para a vocação e a missão. A vocação laical não pode ser confundida com um quietismo de quem não tem opções, mas, como qualquer outra, constitui uma relação que articula chamado e resposta; exige, portanto, lúcida tomada de atitude. E por isso, assim como em qualquer outro discernimento vocacional, desde a tomada de consciência, deve o leigo iniciar seu processo formativo nesse caminho no qual o Senhor o convida a trilhar. Está claro que o objetivo da formação do leigo é “[...] *a descoberta cada vez mais clara da própria vocação e a disponibilidade cada vez maior para vivê-la no cumprimento da própria missão. [...] Ao descobrir e viver a própria vocação e missão, os fiéis leigos devem ser formados para aquela unidade, de que está assinalada a sua própria situação de membros da Igreja e de cidadãos da sociedade humana*” (CL, n. 58.59).

³⁶ Ramón ARNAU, *Orden y ministerios*, p. 287s.

Embora se costume diferenciar vocação e missão elas não são duas realidades separadas entre si; antes, as mesmas se confundem e se implicam mutuamente, e juntas “*definem a dignidade e a responsabilidade de cada fiel leigo*”, de modo que vocação e missão constituem “*o ponto forte de toda ação formativa, em ordem ao reconhecimento alegre e agradecido de tal dignidade e ao cumprimento fiel e generoso de tal responsabilidade*” (CL, n. 58). Consequentemente, a formação laical não pode estar condicionada a uma razão funcional. Ou seja, não é apenas para bem poder realizar sua missão, ainda que seja apostólica, que a Igreja deve investir na formação do leigo, mas, antes de tudo, para que ele possa viver bem a vontade de Deus a seu respeito. Portanto, a reflexão sobre a urgência da formação teológica do leigo traz consigo a possibilidade de resgatar a consciência vocacional da identidade laical.

Assim, na claridade da nova compreensão da identidade laical, o concílio não podia deixar de exortar claramente os leigos a que se dediquem também aos estudos das Escrituras e da Sagrada Teologia:

É de desejar que muitos leigos consigam uma conveniente formação nas ciências sagradas e não poucos entre eles, havendo oportunidade, dediquem-se ex-professo a estes estudos e os aprofundem. Para que consigam desempenhar o seu dever, seja reconhecida aos fiéis, clérigos ou leigos, a justa liberdade de investigação e de pensamento, bem como a justa liberdade de exprimir as suas idéias com humildade e firmeza, nos assuntos de sua competência (GS 62g).

3. FORMAÇÃO DO LAICATO, UM PROCESSO DE AMADURECIMENTO HUMANO E CRISTÃO

3.1. Antropologia do conhecimento teológico

Antropologicamente, dizemos que o ser humano tem um desejo natural de *conhecimento* do mistério, *numem tremendum et fascinans*,³⁷ e que não é diferente no que se refere explicitamente à fé cristã, pois, na clássica

³⁷ Cf. Rudol OTTO, *O sagrado*, Coimbra: Edições Setenta, 1992.

expressão de Santo Anselmo, "*Fides quaerens intellectum*":³⁸ é próprio do homem que crê, incipiente ou em intelectualidade elaborada, procurar compreender aquilo em que acredita e o que isso significa para a sua vida.

Subjetiva e vivencialmente, o humano precisa desse aprofundamento da vivência do mistério, "*não só pelo natural dinamismo de aprofundar a sua fé, mas também pela exigência de "racionalizar a esperança» que está dentro deles, perante o mundo e os seus problemas graves e complexos*" (CL, n. 60). O aprofundamento teológico envolve conhecimento da doutrina e do específico cultural cristão para que o homem de fé possa responder aos desafios e interrogações que a vida lhe coloca. Enfim, numa ordem prático-pastoral ele precisa da teologia para aprofundar seu ministério *ad extra* e *ad intra ecclesiae*.

A unidade existencial que caracteriza a pessoa humana em todas as dimensões supõe e pede também um amadurecimento da mesma em todos os âmbitos da vida. A *Christifideles Laici* começa por colocar a questão formativa dos fiéis leigos na perspectiva da responsabilidade humana diante da interpelação de Deus para o crescimento e o amadurecimento humanos: a formação cristã em geral é "*um contínuo processo pessoal de maturação na fé e de configuração com Cristo, segundo a vontade do Pai, sob a guia do Espírito Santo*".³⁹ Por essa razão, dizem os padres sinodais, ela deve constituir prioridade na Igreja, devendo constar entre as ações prioritárias dos planos de pastoral (CL, n. 57).

E na mesma corrente de compreensão do Vaticano II, de que a teologia hoje deve ser feita na base dos dados da fé, mas de forma contextualizada, a *Exortação* lembra que, no processo formativo, há que se dar muita importância aos parâmetros da cultura local, numa atenção especial às culturas das minorias de um mesmo contexto (CL, n. 63), pois, como expressam os Padres Sinodais,

A formação dos cristãos terá na máxima conta a cultura humana do lugar, a qual contribui para a própria formação e ajudará a avaliar tanto o valor inerente à cultura tradicional, como o proposto pela moderna. Dê-se a devida atenção também às várias culturas que possam coexistir num mesmo povo e numa mesma nação. A Igreja, Mãe e Mestra

³⁸ Proslógio. In: *Monológio. Proslógio. A verdade. O gramático, proêmio*, 104.

³⁹ *Propositio* 40; CL, n. 57e.

dos povos, onde for caso disso, esforçar-se-á por salvar a cultura das minorias que vivem nas grandes nações.⁴⁰

Na atenção à variedade de culturas que às vezes coexistem numa mesma realidade geográfica, e principalmente àquelas que a *Exortação* denomina de “culturas das minorias”, a teologia se torna plural e abre espaço ao que hoje se denomina de “*enfoque teológico*”,⁴¹ que não é um tema, mas uma ótica ou ponto de vista a partir do qual um autor ou uma escola faz teologia. Clodovis Boff elenca cinco principais enfoques no atual panorama teológico: o da libertação, o feminista, o étnico, o inter-religioso e o ecológico. São óticas de análise que se articulam e se inferem mutuamente, interligadas por um princípio antropológico de unidade, pois são dados “*transversais do ser humano*”.⁴²

Todos esses enfoques se prestam perfeitamente à presente análise, pois, em todos eles o teólogo leigo sabe e pode dar preciosa contribuição. Mas, tendo em vista a emergência da mulher no mundo e na Igreja hoje, bem como a grande presença feminina em nossos cursos de teologia, queremos priorizar nesta reflexão o enfoque feminista enquanto propriedade leiga de fazer teológico. É evidente que a quase totalidade dos chamados teólogos feministas é formada de mulheres, e, embora várias sejam religiosas, outras tantas são mulheres leigas.

A teologia feminista é a reflexão da fé a partir da mulher. A análise se faz necessária, não por razões reacionárias, ou porque durante séculos o fazer teológico tenha ficado restrito ao ambiente masculino e não raro machista, mas principalmente porque a cosmovisão e a intuição femininas têm uma riqueza particular a oferecer à Igreja e ao mundo, em seu modo próprio de experimentar e pensar a fé. Investir nessa contextualização teológica é formar também para a “consciência social” da doutrina cristã.

A fluência da mulher no universo teológico é cada vez mais crescente, bem como é tradicional seu compromisso empenhado no campo da evangelização e da catequese, além da particularidade vocacional da transmissão

⁴⁰ *Propositio* 42.

⁴¹ Trabalham, hoje, no Brasil, no campo metodológico, a questão dos enfoques teológicos, sobretudo Clodovis BOFF, *Teoria do método teológico*, Vozes, Petrópolis, 199, p. 51-54, e João Batista LIBÂNIO & Afonso MURAD, *Introdução à teologia*. Perfil, enfoques, tarefas; Loyola, São Paulo, 1996, p. 254-283.

⁴² Clodovis BOFF, *Teoria do método teológico*, p. 52.

da fé na família e no mundo da educação em geral. Por isso, a *Exortação* recorda a importância da presença feminina no mundo do estudo, da investigação e da docência da teologia (CL, n. 51f).

3.2. A eclesialidade da formação laical cristã

A *Exortação* fundamenta e justifica a formação cristã na simbólica educativa da paternidade-maternidade de Deus. A partir de Dt 32,10-12, o papa recorda que “*Deus é o primeiro e o grande educador do Seu Povo*” (CL, n. 61) e que sua ação educativa divina se concretiza e se faz história, sobretudo através do Filho, o Mestre Jesus, na dinâmica do Espírito Santo.

A Igreja é Mãe que herda de Cristo a missão educativa divina e por isso, nela e por ela os filhos são formados. Todos os irmãos são envolvidos pela Mãe na corresponsabilidade fraterna, como bem expressa Metódio de Olimpo: “*Os imperfeitos [...] são levados e formados, como no seio de uma mãe, pelos mais perfeitos, a fim de serem gerados e nascerem para a grandeza e para a beleza da virtude*”.⁴³ Todos, da Igreja universal às pequenas comunidades eclesiais, passando pela família, pela universidade e escola católicas; do papa até cada um dos leigos, são chamados ao compromisso de serem “*colaboradores de Deus educador*”, para usar a expressão da *Exortação*, com a viva intuição de que todos são, ao mesmo tempo, termo e princípio da formação, e de que à medida que a pessoa se empenha na própria formação, compromete-se também com a formação dos demais (CL, n. 63). Por isso, para reforçar a responsabilidade, João Paulo II convida presbíteros e candidatos ao sacramento da Ordem, a “*prepararem-se diligentemente para serem capazes de favorecer a vocação e a missão dos leigos*” (CL, n. 61h), e os leigos a ajudarem, por sua vez, sacerdotes e religiosos da Igreja a viverem sua vocação e missão.

Isso podemos dizer, evidentemente, a partir da eclesiologia conciliar. Pois há uma relação intrínseca entre eclesialidade e formação laical. Ambas se implicam mutuamente: numa eclesiologia piramidal, a formação teológica é estrita ao clero; numa eclesiologia ‘povo de Deus’, todos os batizados são chamados a fundamentar teologicamente sua fé.

⁴³ S. METÓDIO de Olimpo, *Symposion* II, 8: S. Ch. 95, 110.

Aparecida fala que a formação teológica do leigo tem um caráter de eclesialidade em dois sentidos: um geográfico-físico e outro teológico. No sentido *geográfico ou físico* enquanto a vitalidade da Igreja implica a multiplicação de lugares de formação: a família como berço primário da formação; as paróquias, as comunidades de base, os movimentos eclesiais, as pequenas comunidades, as escolas e as universidades católicas [...] (Dap, n. 301-313.328-346). No sentido *teológico* enquanto o fiel se forma no espírito comunitário, ao superar o individualismo, e sabendo-se parte de um corpo apostólico e missionário.

Em nosso contexto latino-americano a eclesialidade da teologia assumida pelo laicato ganha particularidade sem igual. Em sintonia com as afirmações de Medellín (n. 15) e de Puebla (n. 629), Aparecida realça a importância das comunidades eclesiais de base como centros de formação na fé, de conhecimento da Palavra de Deus e de engajamento social em nome do Evangelho (cf. DAp, n. 178). Portanto, habitat teológico natural do estudante leigo engajado, capaz de fazer interagir três elementos fundamentais da reflexão da fé: a relação teólogo-eclesialidade (fé)-desafios humanos:

Uma certa aproximação das escolas de teologia e dos teólogos com as 'comunidades eclesiais de base' onde vivem os cristãos leigos, como no Brasil, é, pois, desejável. É a partir do engajamento dos teólogos nas comunidades de base que o pensamento e o conhecimento teológicos vão encontrar esses leigos que vivem no mundo e suas preocupações. O lugar do teólogo é nessas comunidades.⁴⁴

3.3. Aspectos da formação laical: espiritual, doutrinal e antropológico

À unidade processual do amadurecimento humano corresponde um processo integral de formação que se desdobra, segundo o Sínodo dos Leigos, em três aspectos (CL, n. 60): a formação *espiritual*, que deve ocupar um lugar privilegiado; a formação *doutrinal*, que se mostra hoje cada vez mais urgente e a formação *antropológica*, no que se refere ao crescimento pessoal no campo dos *valores humanos*. A Conferência de Aparecida preferiu explicitar o

⁴⁴ Antonio MANZATTO, "Le théologien, responsable du monde". In : GAZIAUX Éric (ed), *Responsabilité et tâches du théologien*. Conférences de l'École Doctorale en Théologie (2004-2006). Éditions Peeters: Leuven-Paris-Walpole, MA, 2009, p. 105-120; aqui, p. 112.

processo formativo do discípulo missionário como uma experiência subjetiva única que podemos ver de forma essencialmente dinâmica e integrativa em cada um dos aspectos levantados pela *Exortação*: de fato, o encontro com Jesus Cristo, a conversão, o discipulado, a comunhão e a missão (DAp, n. 278) são dimensões simultaneamente espirituais, doutrinárias e antropológicas. Por isso, realçar um ou outro aspecto é possível, mas a priorização não é senão a opção momentânea por um ou por outro patamar a partir de onde se visualizam e se consideram as demais.

Priorizando, neste estudo, particularmente a *formação doutrinal*, entendemos que ela supõe necessariamente o encontro com Jesus Cristo, a opção radical por ele, o aprofundamento no mistério de sua pessoa, de seu exemplo e de sua doutrina, a participação na vida da Igreja em comunhão e a necessidade de partilhar essa experiência com outros. Num tempo e num mundo cheio de problemas graves e complexos, é real a necessidade do leigo mostrar as “razões da esperança” que o movem. A catequese, adaptada para cada idade, a promoção cristã da cultura e, sobretudo, a formação da consciência na perspectiva da doutrina social da Igreja constituem os campos prioritários da dimensão doutrinária da equalização formativa. Neste sentido, para responder adequada e eficientemente às exigências da própria vocação, segundo sua específica índole secular de irrenunciável compromisso cristão com o social, o político e o cultural, além de uma preparação científica e profissional, o leigo precisa também de sólida e firme formação na Doutrina Social da Igreja; o que não significa apenas um conhecimento teórico dela, mas, sobretudo, a formação da “consciência social” sobre a Doutrina:

Para que os leigos possam realizar ativamente este nobre propósito na política (isto é, o propósito de fazer reconhecer e estimar os valores humanos e cristãos), não são suficientes as exortações; é preciso dar-lhes a devida formação da consciência social, sobretudo acerca da doutrina social da Igreja, a qual contém os princípios de reflexão, os critérios de julgar e as diretivas práticas.⁴⁵ Tal doutrina já deve figurar na instrução catequética geral, nos encontros especializados e nas escolas e universidades. A doutrina social da Igreja é, todavia, dinâmica, isto é, adaptada às circunstâncias dos tempos e lugares. É direito e dever dos pastores propor os princípios morais, também

⁴⁵ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Instrução sobre liberdade cristã e libertação*, 72.

sobre a ordem social, e é dever de todos os cristãos dedicarem-se à defesa dos direitos humanos; a participação ativa nos partidos políticos é, todavia, reservada aos leigos (CL 60).

Ao assumir importante ideia da *Instrução*, a *Christifideles Laici* fornece um critério orientativo básico para nossos cursos de teologia, sobretudo quando dirigidos ao laicato. É a formação da consciência social da doutrina – e esse processo é teologia – a finalidade básica da formação laical. Portanto, não tanto o conhecimento dos tratados teológicos em si mesmos, nem a mais esmerada exegese de textos da Escritura, nem os estudos árduos das linguas estrangeiras que medeiam os necessários aprofundamentos de textos clássicos [...].

Mas, o que entender por formação da “consciência social da doutrina”? Penso que podemos entender consciência social como sendo o espírito de sensibilidade atenta e crítica diante das situações da existência. Sensibilidade que é um espírito aguçado de corresponsabilidade teoantropocósmica,⁴⁶ um modo de pensar e de ver os acontecimentos parametrizados pelo critério da solidariedade, um modo unitário e integrativo de estabelecer atitudes diante dos desafios da vida humana e cósmica, em todas as suas dimensões. Para o teólogo, evidentemente, são os critérios da revelação a base fundamental de onde ele tira e estabelece critérios de juízo para a formação dessa consciência social. É evidente que isso pressupõe o labor acadêmico sério e rigoroso em seu método.

É a formação teológica, sobretudo, que permite ao indivíduo formar-se nesse quilate de reflexão. O leigo estudante de teologia traz consigo, e introduz no processo do fazer teológico, as urgências e interrogações do mundo, em todas as suas dimensões [...]; é para elas que procura a resposta da fé. Esse critério deveria nortear necessárias modificações na reflexão e docência da teologia. Por isso, a teologia para leigos deve plasmar em nossos estudantes uma consciência crítica tal que os leve a viver uma espiritualidade de compromisso e desempenhar uma pastoral em sintonia com as necessidades da Igreja e com os problemas e desafios de seu mundo.

⁴⁶ O termo nos é recordado por Paulo A. Nogueira BATISTA em seu estudo: “Teologia e ecologia: a mudança de paradigma de Leonardo Boff”. In: Juarez GUIMARÃES (org.), *Leituras críticas sobre Leonardo Boff*, p. 118.

Sabemos que durante muitos séculos a afinidade da teologia era praticamente apenas com a filosofia. Mas, já antes do Vaticano II e, sobretudo, no atual contexto de complexidade dos saberes, a teologia tem descoberto a riqueza da aproximação de outras ciências, e que não pode ignorar a grande contribuição da nova cosmologia, da nova física, das novas solicitações ético-ecológicas, das ciências transpessoais [...] para sua elaboração. Números teólogos católicos vêm se dedicando a uma reflexão interdisciplinar, com novos métodos e enfoques de teologia, reforçando as possibilidades de articulação entre teologia e as diferentes ciências e ramos do saber.⁴⁷

O que ajuda a melhor responder às demandas de uma evangelização inculturada, missionária, situada e datada. Hoje, na teologia, se fala de interdisciplinaridade, de pluridisciplinaridade, ou mesmo da lógica da transdisciplinaridade, que situa as relações da teologia no interior de um “*sistema total, sem fronteiras estáveis entre estas disciplinas*”.⁴⁸ Essa nova abordagem só é possível pelo dismantelamento do fazer teológico como privilégio de um pequeno grupo especializado nas realidades eclesiais, e conseqüente abertura dos estudos teológicos para os meios laicais, naturalmente muito mais abertos para as demandas científicas dos mais variados portes.

Finalmente, o Sínodo chama atenção para a necessária *formação* no campo dos *valores* humanos, virtudes necessárias não só para o crescimento pessoal, mas também para a eficiência da ação missionária e apostólica do leigo, lembrando as palavras do Concílio sobre a questão: “*(os leigos) tenham também em grande conta a competência profissional, o sentido da família, o sentido cívico e as virtudes próprias da convivência social, como a honradez, o espírito de justiça, a sinceridade, a amabilidade, a fortaleza de ânimo, sem as quais nem sequer se pode dar uma vida cristã autêntica*” (AA, n. 4). Está claro que tais valores não se separam da consciência de vida cristã (CL, n. 60).

Enfim, numa síntese de todo esse leque formativo, assim se expressa lucidamente o Manual do Congresso de Leigos da Arquidiocese de São Paulo:

⁴⁷ A. G. RUBIO, Novos rumos da antropologia teológica cristã. In: A. G. RUBIO (org.), *O humano integrado*; Abordagens de antropologia teológica, p. 261-295.

⁴⁸ M. C. L. BINGEMER & S.S. ARAGÃO, Teologia e transdisciplinaridade e física: uma nova lógica para o diálogo inter-religioso. In: *REB* 263 (2006) 631-649.

O estudo da Sagrada Escritura, da Doutrina eclesial e dos documentos do Magistério Eclesiástico, sobretudo de Doutrina Social, são de vital importância para a formação de um laicato ativo na Igreja que vive no mundo. Não se afastem, porém, da mesma formação, outros conteúdos, como os de história, estudos da realidade humana e social atual, e outros ainda, que podem contribuir para a formação de lideranças importantes para a vida da cidade.⁴⁹

Mas é exatamente nessa dimensão *ad extra* da formação integral do leigo que a Igreja reconhece sua maior dificuldade pastoral e seu maior desafio. Por isso, na preparação para a V Conferência, a de Aparecida, a Igreja reconhece seus limites no exercício dessa responsabilidade: “*provavelmente descuidamos da formação dos leigos para o ordenamento das realidades temporais conforme a vontade do Senhor*”. Em geral, a preocupação com eles tem sido, sobretudo quanto à participação na vida interna da Igreja. Por isso, diz o CELAM, muitos católicos competentes como políticos, economistas, empresários, sindicalistas, comunicadores sociais, professores, servidores públicos [...] atuam a partir de convicções éticas fracas, desconhecem a Doutrina Social da Igreja e, não raro, apresentam um agir político sem coerência cristã, com pouca ou nenhuma contribuição para a estabilidade política, econômica e trabalhista dos países latino-americanos.⁵⁰

Mas a formação teológica de quem quer que seja, ultrapassa os limites espaço-cronológicos de um curso acadêmico. Pois ela é simultaneamente querigmática (conhecimento teológico), vivencial (prática) e permanente, uma vez que na vida cristã somos sempre discípulos, e ninguém está definitivamente formado (DAp, n. 226c). Por isso, é fundamental também que o leigo cresça na convicção de que, mesmo contando com a ajuda de variados meios e instrumentais de formação teológica, ainda que nem sempre completos, deve assumir e desenvolver por si mesmo a responsabilidade da própria formação (CL, n. 63).

⁴⁹ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1º. Congresso de Leigos da Arquidiocese de São Paulo. Manual, 88.

⁵⁰ CELAM, Documento preparatório de Aparecida, p. 287s.

CONCLUSÃO

Ao concluir nosso estudo, ajuda-nos retomar um clássico axioma da patrística que afirma que a teologia é uma **ciência** “*ante et retro oculata*”; isto é, uma ciência que olha para frente e para trás. Exatamente nessa ordem: primeiro para frente; depois para trás. *Para frente* enquanto, antes de tudo, o indivíduo, que depois se faz teólogo, é abordado pelos desafios que o atingem a si próprio, na experiência do sagrado, e outros de caráter sócio-político-econômico-ecológico [...] que atingem a pessoa humana, a sociedade dos homens e mulheres e a realidade cósmica em sua totalidade. *Para trás* enquanto o homem de fé entende que só a pessoa e o projeto de Jesus de Nazaré podem ser resposta para tais aflições e procuras do homem e do mundo de hoje. Ou seja, a teologia é *resposta*, isto é, caminho que o homem de fé encontra para explicar os teores de sua experiência do sagrado e das inquietações e angústias de si mesmo e de seu mundo. Se não partisse da experiência da revelação e da experiência de Deus e se bastasse a si mesma, a teologia seria apenas teoburocracia. Se ficasse à margem das perguntas urgentes do seu tempo, aprisionada a doutrinas, tratados e conceitos, a teologia seria anacronismo sem luz. Na perspectiva experiencial, porém, o teólogo é forçado a reconhecer a iniciativa de Deus em sua graça e sua presença misteriosa nos revezes da história. Entre as grandes riquezas que a redescoberta da teologia pelo laicato traz está a evidencia de sua grande sensibilidade e – por que não dizer? – maior capacidade de traçar um diálogo aberto entre Igreja e mundo, e de superar dualidades como fé e ciência, Igreja e sociedade, teologia e história, sagrado e profano [...], recuperando assim o potencial teológico de correlação.

É natural que no estudo da teologia, o estudante traga consigo expectativas e exigências muito particulares. Enquanto para o clérigo a teologia é exigência eclesial para o presbiterato, para o leigo, ela não é exigência institucional. Aproxima-se dela por motivação pessoal, por convicção, por exigência interior. E essa motivação pessoal determina seu posicionamento diante dos estudos teológicos; expressando-se pelo aprofundamento da fé diante dos questionamentos da pós-modernidade, por necessidades pessoais vitais, pelo aprimoramento espiritual, pelas exigências pastorais, pela responsabilidade eclesial [...].

E para encerrar, retomemos, na ótica da formação teológica, a proposta de Aparecida para um itinerário formativo dos leigos em quatro etapas,

à luz da opção preferencial pelos pobres (DAP, n. 94; 100; 128; 146; 179; 353; 391-392; 395-399; 409; 446; 491; 501): a experiência de um encontro pessoal com Cristo, a inserção na vida comunitária, a específica formação bíblico-doutrinal, e o compromisso missionário. A ordem em que a Confissão coloca esses elementos não é arbitrária, mas preenche de uma intencionalidade teológico-pedagógica.

A *experiência do encontro pessoal com Cristo* nos recorda que a teologia é um momento segundo; antes vem a experiência; aliás, ela é a explicitação sistemática da experiência. Teólogos-místicos como Agostinho, Tomás de Aquino, Boaventura, Duns Scottus, Mestre Eckhart, Karl Rahner [...] usarão expressões múltiplas para mostrar que a teologia deriva e se nutre da fé, da experiência e da mística [...], enfim, que a “teologia sapiencial” ou a “*theologia genuflexa*” vem antes da teologia científica que trabalhamos na academia. A formação teológica, tanto para leigos como para clérigos, será vazia e diletantista se não levar em conta esse pressuposto.

Da mesma forma, a vida comunitária é o espaço por excelência do fazer teológico. Como fonte primordial da teologia, a Escritura é o livro da comunidade de fé. Feito comunitariamente é em comunidade que deve ser lido, refletido, estudado, rezado, vivido [...]. Ainda que estudando individualmente, é enquanto povo de Deus, e em seu nome, que o teólogo leigo o faz. Estudo, portanto, que deve ser assumido com a responsabilidade de um ministério sagrado. Portanto, a formação teológica laical é simultaneamente uma formação eclesiológica, que leva o indivíduo a “*sentire cum Ecclesi.*”

Finalmente, o compromisso missionário de toda a comunidade é o desembocadouro natural das etapas anteriores (cf. DAP, n. 226d). Também no que se refere à formação teológica. Ninguém é teólogo apenas para si mesmo. O leigo deve ser formado para fazer de sua teologia, primeiramente, um serviço a Deus, enquanto ela conduz ao louvor, à glorificação, que enfim retorna ao homem como graça de salvação. Além disso, um serviço à vida, em todas as suas formas e expressões. Ela procura responder às interrogações mais profundas da existência do homem e de toda a criação; ela dá sentido e mostra o caminho da profundidade da existência. Ela é, em resumo, um serviço à Palavra de Deus, o que se mostrará com maior evidência no compromisso vivencial e apostólico-pastoral de todo teólogo. Portanto, a autêntica formação teológica reveste a pessoa do sentimento

de missionariedade, também porque ela, como Igreja, não seria católica se não fosse missionária (cf. EN, n. 14).

Experiência de Cristo, sensibilidade eclesial e compromisso missionário são condições que ao mesmo tempo antecedem, enquanto motivação; convivem, enquanto condição; e sucedem, enquanto compromisso, os estudos formativos teológicos. A índole secular que caracteriza a vocação laical se fortalece e se torna lúcida quando o leigo investe em sua própria formação. Em situação de permanente formação, ele se torna um pólo referencial de vida, capaz de se iluminar os lugares atuais de missão, como o mundo da cultura (DAp, n. 479-480), da comunicação social (DAp, n. 485-490), dos centros de decisão (DAp, n. 491-500) e da vida pública (DAp, n. 501-508), com a luz dos discípulos de Cristo.

Podemos dizer, de um modo geral, que a formação teológica nos conscientiza de que todos os cristãos, independentemente de seu estado de vida, têm como vocação fundamental conduzir as realidades deste mundo a Deus. Distinguem-se, porém, no modo de realizar essa missão comum: o clérigo pelo exercício do ministério ordenado, o religioso pela consagração sinalizadora do Reino e os leigos pela inserção nas entranhas do mundo, da família, da educação, da sociedade em todas as suas vertentes [...]. A consciência social da doutrina e da fé cristãs nos permite, enfim, entender que tão sublime quanto o ministério sacramental dos sacerdotes ou a consagração dos monges é a fidelidade conjugal, a nobreza da educação dos filhos, a dignidade do exercício da cidadania política, a seriedade do compromisso profissional [...]. Todos somos discípulos missionários em estado de permanente formação; o estudo da teologia, hoje, é um sinalizante epocal dessa responsabilidade.

BIBLIOGRAFIA

ANTON, A. "Principios fundamentales para una teología del laicado en la eclesiología del Vaticano II", In: *Gregorianum*, 68 (1987/1-2).

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1º. *Congresso de leigos da Arquidiocese de São Paulo*. Manual. São Paulo: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 2010.

BALTHASAR, H. U. von, *Gli stati di vita del cristiano*. Milano, 1985.

CONGAR, Yves M. J. *Os leigos na Igreja: Escalões para uma teologia do laicato*. São Paulo: Herder, 1966.

Leigos e teologia

CONGAR, Yves M. J. *Se sois minhas testemunhas*: Três conferências sobre o laicato, a Igreja e o mundo. São Paulo: Paulinas, 1967.

FORTE, Bruno. *A missão dos leigos*. São Paulo: Paulinas, 1987.

JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Christifideles Laici*. 1988.

KELLER, M. Teologia do laicato. In: FEINER J. & LOEHRER M. *Mysterium Salutis*. Petrópolis: Vozes, 1997.

KUZMA César, *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*, SP, Paulus, 2009.

SCHILLEBEECKX E., "Definizione del laico cristiano, *La Chiesa del Vaticano II*, a cura di G. BARAÚNA, Firenze, 1965.